

Grande imprensa dos EUA critica o Governo Sarney

Paulo Francis
De Nova Iorque

A notícia de que o Plano Verão havia terminado na quinta-feira foi recebida com críticas desdenhosas pela mídia dos EUA. Não se concebe que o governo Sarney, que sexta-feira passada completou 4 anos, já tenha iniciado e abandonado sem qualquer resultado positivo quatro planos macroeconômicos. O único dado positivo na economia é um aumento mensal do saldo de comércio em 34%, o que pelo menos garante que o País tenha o suficiente para pagar a carga também mensal de juros que assumiu, sem qualquer esperança — o que é frizado — de financiamento. É isto porque todos os jornais notam — do *Wall Street Journal* ao *Washington Post* — o déficit público brasileiro se aproxima de 10% em relação ao PIB, o que, cessados os congelamentos do Plano Verão, gerará com certeza hiperinflação e tornará improvável que a sucessão de Sarney — esperada ansiosamente por todos jornais — se processe com normalidade democrática.

O *New York Times*, também na quarta-feira em editorial, declarou que o Brasil precisa de auxílio e não de desdém. Ou seja, o desdém com que a mídia internacional inequivocamente se refere ao presidente José Sarney. Mas este editorial se refere mais ao problema da Amazônia, de sua destruição ecológica, o que se tornou uma obsessão do poderoso lobby ecológico mun-

Arquivo 7 7.87



Sarney: ataque ao Plano Verão

dial. Tratando no editorial Sarney como uma pessoa de poucas luzes, sofrendo de xenofobia (tudo isto está no editorial), o *Times* faz a sugestão — humilhante para o Brasil — de que os países ricos voltem a oferecer auxílio, como a qualquer outro país do quarto mundo, e coisa que o Brasil dispensou a partir do governo Geisel conseguindo se financiar no mercado financeiro internacional, atitude compatível com sua pretensão de ser a oitava potência do mundo. Auxílio é oferecido a países como o Haiti que não conseguem se auto-sustentar.

O *Times* põe suas esperanças no sucessor de Sarney. Ninguém acredita no atual presidente, sentimento que, a dar crédito a pesquisas, é partilhado pela maioria dos brasileiros. Mas o *Wall Street*

Journal deu sexta-feira um artigo agudamente analítico sobre os sucessores putativos de Sarney, assinado por David E. Mark, ex-embaixador e consultor econômico. É óbvio que mr. Mark conhece bem o Brasil e sua política. Chega a discutir nuances entre as disputas de Mário Covas e Orestes Quércia. Não parece muito animado com os diversos candidatos, porque nenhum sugere qualquer promessa de modernização da economia, ou seja, a ênfase no setor privado, que socialista de infância como Felipe Gonzalez e François Mitterrand (este depois de se dar mal por algum tempo com o aumento do estatismo) trouxeram à Espanha e França. Certamente tinham compromissos ideológicos muito mais sérios do que qualquer candidato brasileiro, porque nenhum dos brasileiros se caracteriza por ideologia definitiva ou filiação partidária que por si só sugira que governo faria. São todos populistas, mas esta palavra é vaga. Adolf Hitler era populista. Reagan é populista. Nenhum candidato brasileiro parece ter uma idéia aproximada do mundo em que o Brasil vive, nota gente como David Mark. É difícil discordar desta sombria avaliação agora que a sanfona dos preços liberados e reajustes salariais voltou a funcionar, sem que no prazo curto do Plano Verão o governo tenha tocado no marajonato de estatais e quejamos, apesar de promessas de pedra e cal. E 10% de déficit sobre o PIB seria o princípio do fim.

23 ABR 1989

JORNAL DE BRASÍLIA